

# Oficinas em dinâmica de grupo: um método de intervenção psicossocial

Lucia AFONSO

# O que é “Oficina”?

- Um trabalho estruturado com grupos, independentemente do número de encontros, sendo focalizado em torno de uma questão central que o grupo se propõe a elaborar, em um contexto social.
- A elaboração que se busca na Oficina não se restringe a uma reflexão racional mas envolve os sujeitos de maneira integral, formas de pensar, sentir e agir

# O que é “Oficina”?

- Útil na área da saúde, educação e ações comunitárias. Usa informação e reflexão, mas se distingue de um processo apenas pedagógico, trabalha os significados afetivos e as vivências relacionadas com o tema a ser discutido.

# Origens teóricas - forma de intervenção psicossocial com pequenos grupos

- Kurt Lewin → tradição → pesquisa ação
- Não se opõe a outras formas de trabalhos com grupos. Não pretende superá-las nem substituí-las.
- O profissional não pode prescindir de outros estudos em teoria de grupo

# Kurt Lewin e a Pesquisa-Ação com pequenos grupos

- Estudo sobre as minorias sociais dentro de um contexto psicossocial
- Realidade social é multidimensional e na mudança social o pesquisador deve partir da compreensão, consentimento e participação dos grupos envolvidos
- A mudança social envolve um compromisso tanto desses grupos quanto do próprio pesquisador → PESQUISA AÇÃO, cuja base é o pequeno grupo

- Três idéias essenciais para uma aprendizagem social ativa e participativa (Lewin)
- 1- a importância do papel ativo do indivíduo na descoberta do conhecimento
- 2- a importância de uma abordagem compreensiva na intervenção, que incluía aspectos cognitivos e afetivos
- 3- a importância do campo social para constituir e transformar a percepção social e o processo mesmo de construção de conhecimento.


# A abordagem psicodinâmica do grupo e a Oficina

- Motivações inconscientes
- Reflexão → Elaboração do grupo depende dos insights sobre a própria experiência e da articulação de sua reflexão aos conflitos e realizações vividos no grupo
- Reflexão consciente, racional desenvolvida no grupo + emoções e vínculos com a experiência = efeitos de mudança , transferências psíquicas entre os membros e a coordenação

# Identificação e identidade do grupo

- Papel do outro → constituição do psiquismo do sujeito (Freud)
- Sentimento do grupo → primeiras experiências familiares
- Sentimentos básicos a união do grupo → identificação e a sublimação




- 
- Identificação → núcleo dos mecanismos psicológicos que formam a identidade grupal
  - Processo de sublimação
  - Identificação como um processo ambivalente → esta ambivalência pode ser fonte de tensão/dispersão no grupo.

## Bion e as hipóteses de bases nos grupos restritos

- Nível da tarefa → objetivos e regras conscientes
- Nível da valência → esfera afetiva e inconsciente do grupo
- Formas que o grupo adota para defender sua angústia e assim se preservar → sem elaborar sua angústia o grupo faz tudo para se afastar de sua tarefa

- Esfera afetiva pode bloquear/facilitar a realização da tarefa
- 1- Dependência → proteção no líder, defesa contra sua própria angústia através da atitude dependente
- 2- Ataque e fuga → alterna movimentos de fuga e agressão, em relação ao coordenador ou aos próprios problemas do grupo
- 3- Acasalamento → não conseguindo realizar suas ações o grupo se sente culpado, posterga suas atividades no 'algo' ou 'alguém' que virá resolver a dificuldade, negando suas dificuldades internas, racionalizando sobre elas

- 
- Suposições básicas → estados emocionais que evitam a frustração com o trabalho, sofrimento e contato com a realidade
  - Enquanto o grupo está dominado por uma das suposições básicas, sua possibilidade de percepção e elaboração fica comprometida
  - A medida que é capaz de elaborar sua angústia e caminha na realização de seus objetivos, o grupo pode incorporar essa experiência à compreensão que tem de si e das suas realizações

## Foulkes e a matriz de comunicação grupal

- No grupo existe uma rede de elementos transferênciais dirigidos:
- 1- De cada participante para o analista
- 2- De cada participante para o grupo
- 3- De cada participante para cada participante
- 4- Do grupo como um todo para o analista
- O processo grupal se dá no aqui e agora do grupo → tudo é trazido para o grupo

- A “grupoanálise” de Foulkes centra-se no processo grupal, nas interações e em cada individuo tomado não de maneira isolada, mas como contexto no grupo
- 3 fases comuns a todos os grupos:
  - 1- Fase de tomada de posição e conscientização do seu processo.
  - 2- Fase intermediária ou de integração
  - 3- Fase final ou do encontro com a realidade

- Fantasias individuais inconscientes e coletivas modificam os propósitos lógicos e racionais da aprendizagem humana
- O grupo é uma matriz de experiências e processos interpessoais → uma mentalidade grupal englobando consciente e inconsciente → rede de comunicação dos grupos
- Condensação → emergência súbita de um material profundo → acumulação de idéias associadas ao grupo nem sempre com razões conscientemente percebidas

- Associação em cadeia → o grupo sustenta uma livre associação em seu diálogo, produzindo material relevante
- O grupo analítico vive em tríplice nível de comunicação:
- Consciente, Pré-consciente, Inconsciente
- → Resultante das variantes de matriz de comunicação grupal
- \*Conteúdos da comunicação, comportamento dos indivíduos do grupo, relações interpessoais e rede de transferências.



## Pichon-Rivière e o Grupo Operativo

- Grupo → rede de relações com base em:
- A) Vínculos entre cada componente e o grupo como um todo
- B) Vínculos interpessoais entre os participantes
- Tarefa + Afeto = um é racional e lógico o outro é intensamente carregado de emoção (dinâmica psíquica dos participantes)


- Tarefa externa → objetivos conscientes que o grupo assumiu
- Tarefa interna → trabalhar com todos os processos vividos pelo grupo consciente e inconsciente → realizando a tarefa externa
- Grupo Operativo → modalidade de processo grupal dinâmico – flui da interação e da comunicação para fomentar o pensamento reflexivo - sobre o próprio processo grupal os fatores que obstruem a tarefa e democrático quanto a tarefa – originando suas próprias ações e pensamentos.

- Espiral dialética → Situação grupal → uma interpretação é gerada e provoca desestruturação → o grupo responde tentando se transformar para dar conta de seu processo, passando a uma reestruturação, em uma nova situação. Cada ciclo abrange e supera o anterior
- A “espiral dialética” abrange todo o processo grupal, como um movimento constante entre processos internos ao grupo, quais sejam: afiliação/pertença, comunicação, cooperação, tele, aprendizagem e pertinência.

## Paulo Freire e os Círculos de Cultura

- Conceção de aprendizagem dinâmica “ninguém educa ninguém, as pessoas se educam umas as outras, mediatizadas pelo mundo”
- → aprender e ensinar, dentro do campo operativo do grupo e a partir da sua rede de transferências.
- A aprendizagem é uma realização de um sujeito da linguagem, em interação social

- ‘Círculo de cultura’ → vencer obstáculos não apenas cognitivos mas também ideológicos. Vencer uma visão ingênua de seu estar no mundo, problematizando esse mundo e expressando-o em uma nova linguagem-compreensão
- Possibilidade de sensibilizar e refletir em torno de situações existenciais do grupo: situações problemas, desafiando o grupo à reflexão e aprendizagem


- 
- Segundo Freire a aprendizagem só se realiza com o processo de problematização do mundo e, assim, a arte de associar idéias era tão importante quanto a arte de dissociar idéias, essencial para uma crítica de ideologias.
  - Entre o grupo operativo e o círculo de cultura, há afinidades ligadas a uma compreensão da aprendizagem como um processo dialógico, onde os processos de comunicação e seus entraves precisam ser objetos de análise.


# Grupo e Contexto: a vertente institucional

- Impacto que as pressões e os atravessamentos institucionais trazem para a dinâmica interna do grupo
- A instancia do grupo pode, em um trabalho de análise, se constituir no foco onde as outras instâncias se articulem
- Na medida em que é portador de um projeto, o pequeno grupo é ao mesmo tempo analista e ator de sua ação e da produção de sua consciência no contexto de sua ação

- Transversalidade → idéias que um membro tem sobre o projeto do grupo que estão correlacionadas com a ideologias e discursos sociais que expressam os conflitos dessas ideologias e discursos tanto quanto a subjetividade do membro em questão
- Reconhecer que a elaboração no grupo pode atingir o nível da ideologia e das instituições é apenas um pressuposto teórico que não define o âmbito das intervenções particulares



- 
- Diferentes focos de intervenção podem levar a diferentes produções, sendo isto um produto do grupo
  - A rede de relações institucionais onde o grupo está inserido estabelece limites e possibilidades, faz pressões, tenta negociar, trata de desconhecer, boicota ou apoia


- 
- A elaboração do grupo pode alcançar o nível da instituição e da sociedade, procedendo uma crítica ideológica, mas sempre sustenta um ponto de vista particular e jamais deixa de reconhecer o seu caráter local e imaginário
  - O que o grupo produz não é uma verdade absoluta mas uma forma de representar e recriar a sua identidade e suas relações com o seu contexto → trabalhado com Oficinas

## Construindo a Oficina: demanda, foco, enquadre e flexibilidade

- A aceitação, e não imposição da Oficina pelo grupo, é fundamental
- Sua coordenação tem um papel importante, de escuta e adequação da proposta ao grupo
- 4 momentos de preparação da Oficina: demanda, pré-análise, foco e enquadre, e planejamento flexível.

# Demanda

- “Encomenda” ao profissional para definir com maior ou menor dificuldade outras demandas implícitas ou inconscientes dos grupos/indivíduos
- A Oficina vai se articular em torno de um contrato inicial → foco de trabalho, ainda que este venha a ser reformulado
- Uma situação que envolva elementos sociais, culturais e subjetivos, e que precisa ser trabalhada em um dado grupo social


- 
- Nem sempre se pode trabalhar com o ideal de uma demanda formulada pelo próprio grupo atendido. É preciso que necessidades tenham tido alguma forma de expressão e possam ser traduzidas da forma próxima à realidade do grupo.
  - O profissional precisa ter, dessa ‘necessidade’, uma escuta articulada ao contexto sócio-cultural, para nomeá-la como ‘demanda’, a partir de um diálogo com o grupo atendido, na medida em que procura construir com esse grupo, uma proposta de ‘Oficina’.

## Pré-análise


- Pré-análise inclui um levantamento de dados e aspectos importantes de uma demanda, que poderão ser relevantes para a oficina
- Na pré-análise o coordenador deve inteirar-se da problemática a ser discutida, refletir, estudar, coletar dados e informações
- Essa reflexão não criará um programa rígido para o grupo e sim qualificará o coordenador para o seu encontro com o grupo


## Foco e enquadre

- O tema da Oficina é o foco em torno do qual o trabalho será deslanchado
- Cada tema-gerador pode ser trabalhado em um encontro ou em vários, dependendo dos encontros propostos e do interesse do grupo
- O enquadre diz respeito ao número e tipo de participantes, o contexto institucional, o local, os recursos disponíveis, o número de encontros  
→ estrutura para o trabalho

- 
- Como método de intervenção psicossocial, a Oficina busca suas bases na teoria dos grupos dentro de um contexto sócio-cultural.
  - Ela não é um grupo de psicoterapia e nem um grupo de ensino. A oficina pretende realizar um trabalho de elaboração sobre a interrelação entre cultura e subjetividade




- 
- Na oficina, a circunscrição de tempo e a definição de foco evitam uma excessiva mobilização afetiva e fortalecem a relação com o coordenador.
  - O trabalho do coordenador deve ser sensível a esta dinâmica mas restrito quanto a interpretação, para não levantar conflitos de forma indiscriminada na estrutura defensiva dos participantes e do grupo

- 
- O sujeito social e o sujeito psíquico são vistos como dimensões presentes no mesmo processo
  - O coordenador deve sempre recusar a postura de quem detém o saber, assumindo o lugar de dinamizador e facilitador do processo grupal

# Planejamento Flexível

- O planejamento de cada encontro resulta do desdobramento do foco ou tema e está relacionado à discussão dos temas geradores
- Planejamento flexível → O coordenador se prepara para a ação, antecipa temas e estratégias, como uma forma para se qualificar para a condução da Oficina

- 
- Tem que estar ciente que cada encontro pode e vai significar mudanças em seu planejamento inicial → Planejamento Flexível
  - Definição com o grupo do “contrato”: combinações como horário e local. Esclarecer a regra do sigilo, a da palavra livre, etc.

- O número e duração dos encontros varia. Porém, é interessante que cada encontro tenha pelo menos 3 momentos básicos:
  - momento inicial: preparação do grupo.
  - momento intermediário: envolvimento com atividades variadas → reflexão e elaboração do tema.
  - momento de sistematização e avaliação do trabalho do dia.


Ver exemplo da pág 39.

# Conduzindo a Oficina

- Papel do coordenador
- Fases e processos grupais
- Processos intersubjetivos no grupo
- Técnica como linguagem

## 3.1 A coordenação da Oficina

- O coordenador não pode assumir o lugar de quem detém a verdade ou de quem decide pelo grupo
- Precisa estar atento para as dimensões consciente e inconsciente do grupo procurando suas interrelações
- Terá um papel ativo, mas não intrusivo
- Papel de acolhimento e incentivo ao grupo, que esse se constitua como grupo, buscando sua identidade

- 
- Precisará estar atento para as dimensões da Oficina, potencialidade pedagógica e potencialidade terapêutica
  - Precisa estar atento a rede de transferências, em especial a sua relação com o grupo
  - A contratransferência do coordenador do grupo também existe e pode ser entendida como o sentimento do terapeuta sobre a partir das identificações projetivas que o grupo nele deposita
  - O coordenador deve estar atento às fases e processos do grupo, pois na Oficina, eles assumem especial relevância




## 3.2 Fases do processo grupal

- A) Formação de sentimento e identidade de grupo
- B) Surgimento de diferenças e construção de condições de produtividade do grupo
- C) final de grupo
  
- Mesmo não seguindo uma sequência rígida, o coordenador precisa estar atento a esses movimentos, para caminhar com o grupo


## a) Formação de sentimento e identidade de grupo

- Estabelecer uma rede de identificações e seus objetivos
- Construir uma coesão entre os membros
- Coordenador assumir sua função e se colocar a disposição para facilitar a responsabilidade por seu processo, apontando laços que se formam dentro do grupo
- Por em prática técnicas que facilitem a formação de um sentimento de grupo, e a comunicação entre os participantes

- 
- Estimular a troca de experiências e o trabalho coletivo
  - Evitar personalizar suas intervenções ou tornar-se o centro delas
  - Reenviar as questões do grupo para o grupo
  - O grupo deve construir uma rede de identificações e incrementar os seus processos de cooperação e comunicação
  - Para a oficina o grupo deve ser ajudado no momento que envolve o medo de mudança, sendo envolvido numa rede de relações que possibilitará a existência de uma disposição comum entre os membros


## b) Aparecimento de diferenças e construção de condições de produtividade do grupo

- Desejo de fazer parte → não se pode abrir mão de suas singularidades
- Desejo de reconhecimento → reconhecer as singularidades
- Evidenciar pontos de vistas nas atividades realizadas
- Cabe ao coordenador sublinhar as diferenças enfatizando o que trazem de produtivo para o grupo

- 
- Recobrar a riqueza da interação
  - Trabalhar a matriz de comunicação dentro do processo grupal
  - Aparecimento da diferença → defesas e angústias
  - Coordenador → escolher a forma e o momento de interpretação, que só opera sendo ouvida e processada
  - Incentivar o grupo a ser mais independente, sendo que os membros podem atuar como “interpretadores” uns para os outros fortalecendo a rede e incrementando o estabelecimento de transferências

## c) Final de grupo: elaboração do luto e avaliação do processo grupal

- O final de um grupo pode estar associado com sentimentos de satisfação ou insatisfação com a produtividade em torno da tarefa
- É importante que o grupo saiba quantos encontros poderão ter e serem lembrados da aproximação do final da Oficina

- 
- O coordenador da Oficina tratará de abrir espaços para que o grupo perceba a sua gama de sentimentos e possa elaborar seus ganhos e perdas, seu processo de crescimento, o que foi incorporado, o que será transportado para certas vivências e contextos, refletindo sobre os horizontes abertos e avaliando o trabalho grupal.


## 3.3 Comunicação e processos intersubjetivos na Oficina

- Oficina → local de elaboração onde os sujeitos trabalharão a experiência, através da comunicação, e envolvidos de maneira integral: sentir, pensar e agir
- Comunicação no grupo → níveis conscientes e inconscientes, vinculados as realizações das tarefas
- Processo coletivo ao mesmo tempo que individual



## a) Campo grupal e campo social


- O grupo se constitui em um circuito de trocas sociais, simbólicas e afetivas que envolve relação e comunicação. Sendo preciso abordar e analisar os elementos que dificultam essas trocas → filtros ideológicos, tabus, zonas de silêncio → dimensões conscientes e inconscientes
- O grupo é contexto da intervenção e matriz de comunicação

- 
- O grupo oferece a possibilidade de sensibilização e revivência de situações e relações
  - Na “Oficina” trabalha-se as censuras psíquicas e psicossociais
  - A comunicação só se realiza através da interação, o que implica em buscar determinações de contexto, papéis e expectativas sobre as subjetividades dos participantes e suas relações, para que possam refletir sobre as censuras impostas à sua comunicação

## b) O trabalho no grupo interliga a linguagem e a identidade


- Consciência → parte importante da relação de co-construção do mundo a qual está implicada nas ações e instituições humanas
- Campo grupal → se faz presente os papéis sociais, as ideologias, as instituições e a identidade social do sujeito
- Ao desempenhar papéis o indivíduo participa de um mundo social. Ao interiorizar esses papéis, o mesmo mundo torna-se subjetivamente real para ele.

- Seu desempenho nas várias esferas da vida social coloca, para o indivíduo, um problema de integração de seus papéis, necessitando reunir várias representações em um todo coerente → uma representação de si que lhe pareça coerente → uma identidade
- A identidade é uma construção e como construção ela se faz linguagem → uma narrativa que fazemos de nós → uma forma de contar para nós mesmos e para os outros quem somos.

- 
- Tomando narrativa como uma questão simbólica, também a teremos como consciente e inconsciente
  - Matriz grupal → diversas narrativas que se entrecruzam e se confrontam buscando construir uma identidade grupal que facilite as identificações interpessoais

## c) Uma progressão em processo, a partir da espiral dialética do grupo

- O trabalho de intervenção na Oficina reconhece a relação essencial entre o vínculo afetivo e o vínculo social no processo de expressão, sistematização, desconstrução e reconstrução de significados no grupo
- Intervenção → mobilizam e canalizam as potencialidades do grupo porém não é natural, já que tem a intervenção do coordenador


- 
- Sensibilização dos participantes sobre o trabalho com a Oficina
  - Esclarecimento e sistematização dos participantes sobre suas experiências
  - Elaboração da experiência na medida em que mobiliza as narrativas e que essas são sistematizadas
  - Desconstrução e reconstrução de representações e identidades sociais
  - Processos de decisão em relação às relações interpessoais e sociais

## 3.4 A técnica como linguagem

- Resultado das técnicas derivado de valores dialógicos que são adquiridos em campos grupais a partir de escolhas, adaptações, etc.
- Técnica como linguagem → continuar investindo no processo de reflexão e elaboração do tema da Oficina
- As técnicas (dinâmicas) devem ser adequadas ao processo do grupo e o coordenador deve respeitar o andar do processo grupal



- Técnicas → meios que servem para expandir o conhecimento no grupo e abrir possibilidades de interações
- Linguagem verbal; não verbal; metafórica; discursiva → possibilidades de linguagem no grupo → universo de significados
- Uso das técnicas deve estar conectado ao processo grupal, a reflexão central do grupo, à tarefa
- Não se deve esperar um dado resultado a partir de uma técnica, pois não se obterá um resultado e sim um processo.



# A Leitura do grupo: uma oficina de alfabetização de adultos articulando Paulo Freire e Pichon-Rivière


Lucia AFONSO

Stefânie Arca LOUREIRO

Maria Amélia THOMAZ

# I. O Contexto da Experiência

- Alfabetização de adultos em Oficinas de dinâmica de grupo
- Abordagem teórica que combina Paulo Freire e Pichon-Rivière (Círculo de Cultura e Grupo Operativo)
- 22 encontros de 90 minutos, grupo de 6 pessoas
- Teve início como estágio supervisionado em dinâmica de grupo no curso de Psicologia da UFMG -1999

- 
- Trabalho integrado com a Equipe Técnica do Programa de Abrigos da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte
  - Grupo de Alfabetização funcionou em um dos cômodos do Abrigo Pompéia
  - Uma população de passagem com renda familiar de até 2 salários mínimos
  - Com grau de instrução que raramente ultrapassa as 4 primeiras séries do ensino fundamental
  - Trabalho de alfabetização foi recebido com entusiasmo
  - Dividido em 5 momentos, pontuando seu desenvolvimento

## 2.A Oficina no encontro de Freire e Pichon-Rivière

- Abordar a alfabetização como um processo que envolve o sujeito em suas dimensões subjetiva, interacional e política
- Método dialógico e participativo → questões emocionais dos educandos e voltado para a função mobilizadora do campo grupal

- Pichon-Rivière → grupo como um conjunto de pessoas ligadas no tempo e espaço, articuladas por sua mútua representação interna, que se propõem explícita ou implicitamente a uma tarefa, interagindo para isto em uma rede de papéis, com o estabelecimento de vínculos entre si → importância aos vínculos sociais → sujeitos sociais → relação com o outro.

- Tarefa consciente (objetivos) + elementos inconscientes (emocionais) → rede grupal → interdependentes
- O grupo operativo propõe trabalhar as interrelações da tarefa e do afeto para que o grupo venha realizar seus objetivos
- Coordenador → facilitador desse processo


- Dificuldades de aprendizagem → relacionadas a medos de caráter psicológico e interacionais → tratar nos grupos
- O coordenador cria uma atmosfera onde os participantes se sintam pertencentes a rede grupal e possam se identificar, comunicar e elaborar essas dificuldades
- Matriz de comunicação → serve de referência para a comunicação no grupo, visando a tarefa





- Espiral dialética → grupo passa por momentos de estruturação, desestruturação, reestruturação → cada ciclo traz mudanças
- Identificações entre os membros, respeito às diferenças e histórias de cada um e a relação com a coordenação são essenciais
- A aprendizagem está interrelacionada à comunicação e o grupo precisa compreender seus obstáculos à comunicação para analisar os obstáculos a aprendizagem

- Paulo Freire chamou de “círculo de cultura” o seu método de alfabetização
- Defende a concepção de uma aprendizagem dinâmica onde a motivação do educando e a relação da aprendizagem com a vida são fundamentais, e essa dinâmica é empreendida pela ação de sujeitos sociais
- 1950 → compreensão crítica do sujeito sobre seu contexto e de si próprio nesse contexto

- Enfoque dialógico e reflexivo → aprendizagem → realização do sujeito da linguagem em interação social
- Vencer aspectos não só cognitivos, mas ideológicos → visão ingênua de mundo para problematizá-lo e expressá-lo em uma nova linguagem-compreensão
- Método: formas linguísticas e questões relevantes da cultura e da vida dos educandos. Uma palavra geradora, codificava os aspectos mais importantes da cultura do educando

- 
- Uma leitura crítica da mesma, uma situação problema, retorno a palavra-geradora, trabalho com as sílabas, criação de novas palavras, e exercícios de escrita faziam parte do círculo da cultura
  - Enquanto uma habilidade era adquirida um processo ativo/dialogal/crítico e criticizador acontecia
  - Possibilidade de sensibilizar e refletir em torno de situações problemas

- 
- Grupo operativo e círculo de cultura → afinidades ligadas a uma compreensão da aprendizagem como processo dialógico baseado no desejo e autonomia dos educandos
  - Metodologia do estudo realizado: técnicas lúdicas de dinâmica de grupo → abertura perceptual, mobilizam as relações no grupo, facilitam os vínculos e comunicações

- 
- O grupo aparece como matriz de trocas simbólicas que favorecem a aprendizagem → o desejo do educando
  - A escrita e a leitura tem valor simbólico de inclusão social/construção de identidade/fortalecimento da auto-estima
  - Os encontros foram organizados em 3 momentos: mobilização, tarefa e reflexão e síntese
  - Observando as fases do grupo: formação de identidade e vínculos, comunicação em torno da tarefa, descobertas de diferenças e semelhanças, aprendizagem e elaboração, e o trabalho de luto, ao final do grupo

### 3. Demanda e composição do Grupo de Alfabetização

- Início em abril de 1999
- Ocorreram visitas aos Abrigos e formação dos grupos
- Sessões de supervisão das duas estagiárias integradas, a professora se reunia quinzenalmente com a Equipe Técnica
- 3 planárias durante o semestre reunindo Equipe Técnica, professoras e estagiárias
- 10 adultos entre 21 e 70 anos se mostraram interessados

- No primeiro encontro apenas 4 compareceram
- Poucos recursos → livros de literatura e poesia infantil a disposição
- Duas estagiárias coordenadoras, uma com experiência como professora de português de ensino fundamental e médio
- Sr. Alberto, 72 anos aparentava vigor, dinamismo e grande simpatia, aprendera a escrever seu nome no garimpo




- Crianças ao redor eram permitidas participar desde que o próprio grupo permitisse → Sr. Alberto as repreendeu no primeiro encontro por tirar-lhe a concentração
- Ana Alice, esposa do Sr. Alberto, 27 anos também freqüentou, tinha conhecimento sobre leitura e escrita que ela mesmo conquistou
- Ela e o Sr. Alberto saiam de casa somente para ir a igreja, tinham vontade de ler a Bíblia, durante o culto seguravam-na aberta como se estivessem lendo


- Joana, 50 anos queria aprender a ler e escrever → já conhecia alguma sílabas, poucas palavras e assinava seu nome
- Aprender a ler e escrever estava associado a uma melhoria de vida
- Imaculada, 40 anos, muito risonha sabia escrever seu nome e sabia algumas letras
- Queria ler e escrever pois trabalhava em um restaurante e guardava suas receitas na cabeça, querendo então guardá-las num papel

- No dia do quarto encontro o grupo ganhou mais duas participantes.
- Rosa, que trabalhava na pequena oficina de vassouras do Abrigo → participou de apenas dois encontros
- Simone, 20 anos → sabia ler e escrever mas queria aprender mais
- Os desejos se entrelaçavam havendo a possibilidade de identificação e uma base para troca de experiências → transferência grupal

- No primeiro encontro foi utilizada a técnica “nomes e características” → sentados em círculos os alunos se apresentavam e diziam o nome de alguma coisa importante para eles
- A palavra era repetida de forma cumulativa pelos participantes
- As coordenadoras entravam na brincadeira dizendo palavras como “companheirismo” e “amizade” → estava se efetuando uma transferência negativa
- Joana citou que tinha sido traída por uma amiga e que esta tinha acabado com seu casamento de 30 anos

- Imaculada disse a Joana que esta não gostava de amizade. Joana discordou → houve então uma troca importante
- Fora feita outra atividade → cada um escrevia seu nome em um papel e eles encontravam de forma lúdica as vogais presentes nos nomes
- Começava a tomar outro sentido → sentir a escrita no mundo
- Primeiras palavras geradoras → cada um escolheu uma palavra com um significado pessoal

- 
- As palavras-geradoras mostravam uma disposição grupal para a tarefa
  - Trabalhos com essas palavras foram desenvolvidos → letras avulsas foram cortadas e montadas numa cartolina facilitando o conhecimento visual e auditivo
  - Foram feitas fichas com o nome de cada um e as palavras que tinham escolhidos e levadas para casa para que pudessem ver o apelo do “gostar” e “identificar-se” foi mobilizada e mobilizou o grupo

- 
- A técnica “dar e receber” também foi utilizada sugerindo o vínculo grupal
  - Dando-se as mãos, uma por cima da mão do parceiro e outra por baixo, depois o sentido foi invertido
  - Essa técnica foi repetida diversas vezes de tanto que o grupo gostou
  - É uma operação contida no vínculo social e está associada tanto ao prazer quanto ao conflito

- As coordenadoras sem ultrapassar o movimento do grupo podem lembrar-lhes que dar e receber está envolvido nem nossas relações e nos traz tristezas e alegrias
- No final do encontro de grupo marca-se a alegria da tarefa → elemento indispensável para ‘mobilizar’ o desejo na relação com os coordenadores
- No início de cada encontro revisavam as palavras geradoras de diversas formas e era feitos comentários, reflexões e emoções → a tarefa e tudo mais o que ela traz para a vida



## 5. O processo grupal: comunicação e aprendizagem no campo grupal


- Os participantes já estavam sendo capazes de formar pequenas frases e descobrir novas palavras → coesos na sua tarefa de aprender
- Fora prorrogado o trabalho até o final de setembro
- A proposta de montar um livro com os trabalhos produzidos foi aceita pelo grupo → combinando elementos do processo grupal com o novo projeto

- Técnica espaço comum → sentados em círculos bem próximos de pernas e braços abertos mexendo para um lado e para o outro → mostra como é difícil a proximidade assim como a distância na relação das pessoas
- Continuação com as palavras geradoras
- Sr. Alberto pede para trabalhar a Bíblia
- Em outro encontro técnica “igualdades e diferenças” → os participantes se olham e dizem uma semelhança e uma diferença ao mesmo tempo trabalhado a motricidade fina

- Discutiu-se as igualdades e diferenças do grupo → procurando trabalhar a identidade do grupo
- Ao final de cada encontro um “para casa” era passado, focalizando as palavras trabalhadas e acrescentando um pouquinho de dificuldade, considerando o desenvolvimento de cada pessoa
- Depois as coordenadoras viam o “para casa” e pediam para cada um ler no seu ritmo → anotavam parabéns ou ótimo

## 6. O processo grupal: tele, cooperação e operatividade no grupo

- Os encontros iniciava como nas fases anteriores, com uma brincadeira que tinha como objetivo mobilizar os temas do grupo
- Depois o “para casa” era revisto
- O oitavo encontro foi iniciado com a técnica “estrela de cinco pontas” → numa estrela de cartolina eram postas duas palavras em cada ponta um aspecto era estimulado → o que penso, o que faço e como eu gostaria que fosse

- 
- Cada um falou sobre seus sentimentos e pensamentos, suas formas de agir, suas esperanças
  - Nesse dia foi usado a técnica “dar e receber” para finalizar o encontro, que havia sido muito emocionante
  - Joana que nos primeiros encontros apresentava uma resistência a palavra amigo disse “Como é bom ter amigos”
  - Como estava próxima a festa junina o grupo mostrou-se interessado a colaborar
  - Foram feitas plaquinhas de ‘lixo, plástico, vidro e papel’ em comum acordo


- Um encontro fora dedicado para a confecção dessa tarefa
- Começou o encontro com um abraço coletivo e as placas foram confeccionadas com entusiasmo
- O grupo se mostrou satisfeito em participar dessa maneira da festa junina
- Procurando trabalhar a auto-estima trabalhou-se a técnica “rasgar papel” → escolhiam-se coisas que abalavam a auto estima e picavam o papel de acordo com a relevância que davam sobre isso


- No final, com o papel todo picado discutiam a relevância das frases ditas e teciam comentários sobre a auto-estima
- Trabalhada a família do P. com diversas palavras que os alunos tinham curiosidade em escrever → a parte disso ocorriam diversos comentários sobre experiências, como o de fazer pipoca
- No encontro seguinte combinaram de fazer pipoca e assim foi feito → cada um colaborando com alguma coisa para o encontro (panelas, sal, milho)

## 7. O processo grupal: Luto e Elaboração no grupo

- Movimento visível de abertura e crescimento grupal
- Ana Alice, que só saía de casa para ir a igreja, tornou-se monitora do Abrigo
- Joana, que em algumas reuniões chegara alcoolizada, parou de beber e separou-se do marido que a agredia
- Todos estavam lendo e escrevendo, usando memórias e fatos do cotidiano
- Imaculada passou a escrever suas receitas



- 
- Era preciso preparar o grupo com um mês de antecedência que estava no final: seria preciso viver o luto pela perda do grupo e a elaboração pela tarefa realizada
  - Ao explicar ao grupo que teriam mais só quatro encontros a reação foi mútua
  - Eles se mostraram regredidos, revoltados e magoados
  - As coordenadoras procuraram estimular com que eles falassem mais de seus sentimentos

- 
- Recordaram as contribuições de cada um pelo grupo
  - Fizeram novamente o “dar e receber”
  - Depois uma experiência com argila fora feita, cada um escrevia uma palavra com ela
  - Todos expressaram seus sentimentos em relação ao término do grupo
  - Levaram para casa as letras feitas de argila → um objeto para lembrar
  - Mais 2 sessões de trabalho com os sentimentos de perda e realização do grupo foram feitas

- Pensaram em alternativas para que eles continuassem a aprender → grupos de educação de adultos e supletivos de 1º grau
- Lembraram os alunos que em breve estariam se mudando do Abrigo e que teriam um papel a viver nas suas novas casas e comunidades
- No ultimo encontro, todos compareceram e foram presenteados com brindes
- A regressão provocada pela emoção final do grupo ainda se mostrava
- As coordenadoras também estavam emocionadas com o final do curso